

Boletim da Rede Metalúrgicos

Número 02 – novembro de 2015

O setor metalúrgico de junho a setembro de 2015

A economia brasileira encontra-se em dificuldade, com a maioria dos indicadores apresentando trajetória de queda, principalmente os dados relacionados à atividade industrial. O Produto Interno Bruto (PIB) registrou recuo de 2,1%, no acumulado do ano de 2015 (1º e 2º trimestres), quando comparado com o mesmo período anterior e, em 12 meses, sinalizou queda de 1,2%. Esta retração econômica tem reflexo sobre o mercado de trabalho que, segundo os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), apresentou a taxa de desemprego total na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) no patamar de 14,2%, quando no início de 2015 registrava taxa de 9,8%.

Entre janeiro e setembro de 2015, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o mercado de trabalho encolheu com o fechamento de 730 mil postos de trabalho. Em 2014, quando analisado o mesmo período do ano anterior, houve saldo positivo em 730 mil contratações. No acumulado de 12 meses já se somaram mais de 1,3 milhão de postos de trabalho fechados, boa parte explicado pela redução de 532 mil vagas na indústria.

Com este cenário, o setor metalúrgico vem perdendo dinamismo em todos os segmentos de suas atividades, com queda mais acentuada para o segmento de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos e de Veículos automotores, reboques e carrocerias. Esta menor produção tem impacto no mercado de trabalho, que já fechou 182 mil postos de trabalho no setor, no acumulado do ano. As regiões que mais reduziram postos de trabalho foram a Sudeste e o Sul, que juntamente, com o Amazonas, representaram redução de 173 mil postos de trabalho, ou seja, 95,0% dos desligamentos estão concentrados nestas regiões.

A retração do crédito, a volatilidade do câmbio e o menor dinamismo das economias centrais e da China são fatores que podem explicar o comportamento recente da balança comercial que, no setor metalúrgico, apresentou queda das importações para os segmentos como Eletroeletrônicos, Autopeças, Automotivos e Máquinas e equipamentos. E houve também redução das exportações, com exceção do segmento Automotivo, que registrou aumento nas exportações em 10,5%. Cabe observar que o menor dinamismo do comércio internacional não se limita apenas ao setor metalúrgico, conforme os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, quando comparados com o ano anterior.

Diante deste cenário tão controverso, algumas medidas podem contribuir para alterar a trajetória de queda do setor, como a previsão de R\$ 198 bilhões de investimento nos próximos anos contemplada no Plano de Investimento em Logística (PIL) com a melhoria na infraestrutura e nos transportes. Também pode ter impacto positivo o Plano de Investimento em Energia Elétrica (PIEE) que busca proporcionar competitividade para a indústria com maior oferta de energia. Além do mais, duas medidas relacionadas ao crédito foram acertadas. Uma é o acordo fechado entre a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e o Sindicato Nacional da

Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças) com a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil para promover linhas de crédito para a cadeia automotiva, com intuito de incrementar o financiamento de Máquinas e Equipamentos novos e usados, o capital de giro e a renovação da frota. Além disso, o Banco do Brasil assinou acordo com a Anfavea e a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) criando a Esteira Agro BB¹, para aprovar os pedidos de financiamento com mais eficiência que pode proporcionar maior dinamismo para o segmento automotivo. É preciso, porém, mencionar a preocupação do segmento eletroeletrônico em relação à Medida Provisória (MP 690/2015) que extingui os benefícios fiscais do Programa de Inclusão Digital, que garantia alíquota zero para os itens como *tablets*, *smartphones* e computadores.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

A Indústria de transformação registrou queda de 8,8% no acumulado do ano, e de 7,4% nos últimos 12 meses. Esta retração apresenta-se no mesmo patamar que em 2009, quando a Indústria de transformação recuou 7%, em dezembro daquele ano. Nesta trajetória de queda, o setor metalúrgico apresentou redução, no acumulado do ano, em todos os segmentos que o compõem. A retração foi mais acentuada no segmento de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-29,6%), seguido de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-21%); Máquinas e equipamentos (-11,8%); Produtos de metal, exceto Máquinas e equipamentos (-9,6%); Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-8,6%); Metalurgia (-7,5%); Outros equipamentos de transporte, exceto Veículos automotores (-6,3%); Manutenção, reparação e instalação de Máquinas e equipamentos.

¹ É uma ferramenta (aplicativo) para facilitar o financiamento e agilizar a liberação de recursos de investimento do Plano Safra.

TABELA 1
Produção Física Industrial, por segmentos do setor metalúrgico
Brasil – Agosto/2015

Seções e atividades industriais (CNAE 2.0)	Acumulado do ano (Base: igual período do ano anterior)	Acumulado nos últimos 12 meses (Base: últimos 12 meses anteriores)
Indústrias de transformação	-8,8	-7,4
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-29,6	-24,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-21	-18,3
Máquinas e equipamentos	-11,8	-9,8
Produtos de metal, exceto Máquinas e equipamentos	-9,6	-9,7
Metalurgia	-7,5	-8,2
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-8,6	-7,5
Outros equipamentos de transporte, exceto Veículos automotores	-6,3	-5,3
Manutenção, reparação e instalação de Máquinas e equipamentos	-6,3	-3,8

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física. Acesso em 02/10/2015

Nos últimos 12 meses, os segmentos seguiram a tendência negativa, com os Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos diminuindo em 24,4% e os Veículos automotores, reboques e carrocerias em 18,3%, resultando nas atividades que registraram maior retração das atividades.

Quando analisado o setor metalúrgico por região podemos destacar que as atividades de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos registraram retração nos estados de Amazonas (-31,4%) e Bahia (-63,9%) e também em São Paulo (-23,7%). As atividades ligadas a Veículos automotores, reboques e carrocerias mostraram queda, principalmente, nas regiões do Rio de Janeiro (-29,8%), Minas Gerais (-29,4%), Paraná (-28,7%), Rio Grande do Sul (-26,9%) e São Paulo (-19,2%), onde está concentrada boa parte da indústria automobilista do país. Por outro lado, a região da Bahia aumentou em 34% sua produção de veículos automotivos. Cabe destacar que nesta região localiza-se o complexo industrial Ford Nordeste, em Camaçari, próximo ao município de Salvador, que produz o Ford Ka e o EcoSport.

TABELA 2
Produção Física Industrial, por seções e atividades industriais
Brasileiras e Unidades da Federação Janeiro a agosto de 2015
(base: igual período do ano anterior)

(em %)

Seções e atividades industriais (CNAE 2.0)	BR	SC	BA	RS	SP	CE	PE	RJ	PA	MG	GO	ES	PA	AM
Metalurgia	-7,5	-24,5	-19,2	-16,1	-12,7	-11,4	-11	-6,4	-2,1	-1,8	0,6	24,8	-	-
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-9,6	-1,9	-	-11,6	0,4	-2,6	-24,8	-15,1	-	-8,9	-20,2	-	-7,2	-3,2
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-29,6	-	-63,9	-	-23,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-31,4
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-8,6	-22,3	-	-	-9,7	-11,5	-7,8	-	-	-	-	-	-1,5	-6,8
Máquinas e equipamentos	-11,8	-11,1	-	-26,0	-9,2	-	-	-	-	-37,4	-	-	-3,7	-14,0
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-21	-6,0	34,0	-26,9	-19,2	-	-	-29,8	-	-29,4	-6	-	-28,7	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-6,3	-	-	-	-5,9	-	-21,0	3,8	-	-	-	-	-	-13,2
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-6,3	-	-	-	-	-	-	-7,9	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física. Elaboração DIEESE

A produção de Máquinas e equipamentos diminuiu, principalmente, em Minas Gerais (-37,4%), Rio Grande do Sul (-26,0%), Amazonas (-14,0%), Santa Catarina (-11,1%) e São Paulo (-9,2%). Esses estados contemplam grandes empresas como a CNH, AGCO, Agrale, John Deere, Caterpillar, Komatsu e Valtra, por exemplo. A Fabricação de produtos de metal, exceto Máquinas e equipamentos registrou maior queda em Pernambuco (-24,8%), Goiás (-20,2%), Rio de Janeiro (-15,1%) e Rio Grande do Sul (-11,6%).

A Metalurgia apresentou a maior retração em Santa Catarina (-24,5%), Bahia (-19,2%), Rio Grande do Sul (-16,1%), São Paulo (-12,7%), Ceará (-11,4%) e Pernambuco (-11,0%). Destaque para o aumento da atividade na região do Espírito Santo em 24,8% e Goiás em 0,6%.

A produção de Outros equipamentos de transporte exceto veículos automotores teve a maior redução em Pernambuco (-21,0%) e apresentou crescimento no Rio de Janeiro (3,8%). No caso da Manutenção, reparação e instalação houve queda acentuada no Rio de Janeiro (-7,9%). A Fabricação de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos mostrou queda acentuada nos estados de Santa Catarina (-22,3%), Ceará (-11,5%), São Paulo (-9,7%), Amazonas (-6,8%) e Pernambuco (-7,8%).

A Indústria de transformação concentra 41% das unidades de produção no estado de São Paulo, o que resulta no grande peso da região na formação do PIB nacional, além de refletir na atuação da indústria como um todo. Todos os segmentos registraram queda nesta região, com maior destaque para a fabricação de Equipamentos de informática (-23,7%); Veículos automotores, reboques e carrocerias (-19,2%) e; Metalurgia (-12,7%).

ELETROELETRÔNICO

O segmento Eletroeletrônico registrou queda de 19,3% entre janeiro e agosto, e redução de 15,7%, no acumulado nos últimos 12 meses. O recuo mais acentuado foi do segmento Eletrônico com diminuição de 29,6% e 24,4%, no acumulado do ano e nos últimos doze meses, respectivamente. No ano, os Equipamentos de informática e periféricos reduziram-se em 41,3% e os Aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo registraram queda de 30,7%, acumulando redução de 29,0% nos últimos 12 meses, nestes dois itens.

TABELA 2
Variação da produção de eletroeletrônicos
Brasil – janeiro a agosto de 2015

Seções e atividades industriais (CNAE 2.0)	Acumulada no ano (igual período do ano anterior)	Acumulada nos últimos 12 meses
Segmento eletroeletrônico	-19,3	-15,7
Componentes eletrônicos	-17,2	-24,4
Equipamentos de informática e periféricos	-41,3	-29,8
Equipamentos de comunicação	-22,6	-11
Aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo	-30,7	-29,7
Aparelhos e instrumentos de medida, teste e controle; cronômetros e relógios	-7,4	-5,9
Segmento eletrônico	-29,6	-24,4
Geradores, transformadores e motores elétricos	-13,0	-11,2
Pilhas, baterias e acumuladores elétricos	0,7	-2,9
Equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	-2,1	-4,9
Lâmpadas e outros equipamentos de iluminação	-19,9	-15,6
Eletrodomésticos	-9,5	-5,9
Aparelhos eletrodomésticos não especificados anteriormente	0,9	0,6
Equipamentos e aparelhos elétricos não especificados anteriormente	-4,7	-4,0
Segmento elétrico	-8,6	-7,5

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física. Elaboração DIEESE

O segmento elétrico teve redução menor quando comparado com a fabricação dos eletrônicos, com queda de 8,6% no ano. Dentro desse segmento, as maiores quedas verificaram-se na Fabricação de lâmpadas e outros equipamentos de iluminação (-19,9%); Geradores,

transformadores e motores elétricos (-13,0%) e, também, Eletrodomésticos (-9,5%). Destaque para os aparelhos eletrodomésticos não especificados (como fabricação de eletrodos, equipamentos para sinalização e alarme) que registraram aumento de 0,9%, no acumulado do ano e, 0,6%, nos últimos 12 meses.

Segundo os dados da Abinee, o faturamento líquido do setor de eletroeletrônico registrou queda de 13,0%, em virtude do faturamento dos itens ligados às Utilidades domésticas (-30,0%), Informática (-25,0%), Material elétrico de instalação (-17,0%) e Telecomunicações (-14,0%), no comparativo do segundo trimestre de 2015 em relação ao mesmo período do ano anterior. Já o faturamento ligado a Equipamentos industriais (12,0%), Automação industrial (11,0%); Componentes elétricos e eletrônicos (8,0%) e Geração, transmissão e distribuição de energia elétrica (2,0%) mostraram crescimento no mesmo período. No caso deste último ramo, em razão do aumento da demanda de energia com a realização dos leilões de energia e, também, do reajuste da energia que favorece o faturamento, conforme destaca a sondagem conjuntural da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

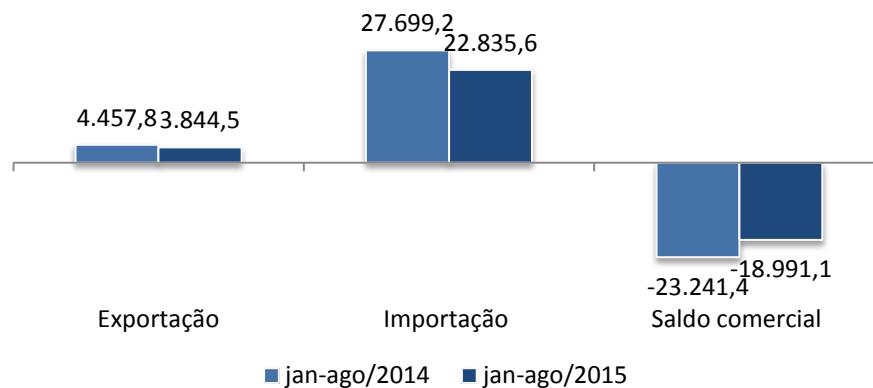
TABELA 3
Faturamento líquido do setor de eletroeletrônico
Brasil - 2º semestre de 2015/ 2º semestre de 2014

Faturamento líquido	2º trim/15 x 2º trim/14
Total do setor	-13%
Automação industrial	11%
Componentes elétricos e eletrônicos	8%
Equipamentos industriais	12%
Geração, transmissão e distribuição de energia elétrica	2%
Informática	-25%
Material elétrico de instalação	-17%
Telecomunicações	-14%
Utilidades domésticas	-30%

Fonte: Abinee/Decon

No que se refere à balança comercial, houve diminuição tanto das exportações quanto das importações. As exportações no segmento de eletrônicos mostraram queda de 13,8%, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. Os maiores recuos foram verificados nos itens relacionados Geração, transmissão e distribuição (-38,1%) e Equipamentos industriais (-18,0%) e Automação industrial (-16,2%). Na contramão desta redução, houve aumento das exportações dos Materiais elétricos de instalação em 18,9%.

GRÁFICO 1
Balança Comercial do segmento eletroeletrônico
janeiro a agosto 2014 e 2015
 (US\$ milhões de dólares)



Fonte: Abinee.

As importações apresentaram redução de 17,6%, passando de 27,7 bilhões de dólares em 2014, para 22,8 bilhões, em 2015, o que contribuiu para reduzir o déficit do saldo comercial que teve queda de 18,3%, correspondendo ao valor de US\$ 18,9 bilhões. A retração nas importações foram causadas pela diminuição da compra de itens de Informática (-27,3%), Telecomunicações (-26,3%); Geração, transmissão e distribuição (-25,7%) e, Componentes elétricos e eletrônicos (-18,3%).

AUTOMOTIVO

Entre janeiro e agosto deste ano, a produção de autoveículos montados apresentou queda de 16,9%, na comparação com o mesmo período em 2014. A maior retração está concentrada na produção de caminhões com recuo de 46,7%, explicado pela diminuição da produção de caminhões pesados em 59,9% e também de caminhões médios (-48,9%). Houve redução de 32,5% na produção de ônibus, com queda mais acentuada dos veículos urbanos (-40,2%), enquanto os ônibus rodoviários registraram aumento de 5,0%. A comercialização dos veículos leves teve queda acentuada em virtude da redução de 24,3% dos comerciais leves e de 13,5% dos automóveis.

No mesmo período, o licenciamento dos autoveículos novos reduziu-se em 21,4%, com queda mais acentuada para caminhões (-43,5%), seguido por ônibus (-29,9%) e veículos leves (-20,4%). O licenciamento dos caminhões pesados (-60,8%), caminhões semipesados (-44,7%), médios (-36,0%) e leves (-20,3%) diminuiu, e apenas os licenciamentos de semileves tiveram aumento de 4,5%.

No período de janeiro e agosto de 2015 em comparação com o mesmo período do ano anterior, as exportações registraram aumento de 10,5% no segmento automotivo. O maior

crescimento veio dos veículos leves, com 10,7%, seguido dos caminhões (9,6%) e ônibus (5,3%). Os comerciais leves tiveram aumento em 24,5% e os automóveis em 8,2% o que contribui para a alta de veículos leves. Os maiores responsáveis pelo crescimento das exportações de caminhões foram: semileves (+51,6%) e semipesados (+24,3%), com queda de 34,0% dos médios; os ônibus tiveram incremento de 5,3% no acumulado do ano, com elevação de 24% para os ônibus rodoviários e queda de 8,4% dos urbanos.

Segundo os dados da Fenabrave, as negociações dos carros seminovos e usados registraram aumento de 3,86%, entre janeiro e agosto. Este incremento pode ser explicado pelo crescimento de 3,42% verificado para os automóveis; 6,39% para os comerciais leves e de 5,03% entre as motos. No segmento de seminovos e usados, o total de carros negociados alcançou a marca de 8.812 mil, quando no ano anterior era de 8.485 mil unidades, com aumento de 3,86% em relação ao ano anterior. Os modelos usados mais negociados em agosto de 2015, foram Gol (+91.147), Uno (+56.788), Palio (+51.959) para os automóveis; e para os comerciais leves os modelos que lideraram o *ranking* de usados mais negociados foram a Strada (+23.505), Saveiro (+17.608) e S10 (+12.631).

Os dados indicam que a comercialização de modelos usados apresentou maior dinamismo em detrimento dos veículos novos, com uma equivalência de para cada carro novo licenciado, quatro veículos são negociados no mercado de usados. O aumento de preços, retração do crédito e o comportamento dos juros podem auxiliar na compreensão da queda de produção dos autoveículos. No que se refere aos preços, o Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA) apresentou aumento de 5,59% para os automóveis novos, enquanto o automóvel usado mostrou queda de 1,50%, entre janeiro e agosto deste ano.

Segundo os dados do Banco Central, o crédito direcionado para a aquisição de veículo recuou em média 8,4% para as pessoas físicas e jurídicas. As principais instituições que ofertam crédito para aquisição de veículos mostraram aumento dos juros, entre junho e agosto, como Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Santander, Honda e, principalmente, o banco Mercedes-Benz que em junho registrava 6,15% a.a e alcançou o patamar de 11,0% a.a em agosto. Em contraposição, o banco Toyota registrou queda de 6,18 p.p. e, o banco Volkswagen apresentou redução dos juros em 1,34 p.p. É verdade que o aumento das taxas de juros para a aquisição de veículos mostrava trajetória de ascensão entre janeiro e julho, no entanto, o banco Mercedes que chegou a reduzir 1,27 p.p. (janeiro e julho), aumentou de patamar alcançando a marca de 11,0%. Entre janeiro e agosto, todos os principais bancos aumentaram suas taxas de juros, com exceção do Banco Toyota que mostrou queda de 0,22 p.p.

TABELA 4
Taxas de juros pré-fixado – Aquisição de veículos
2015

Instituição	Janeiro		Junho		Agosto	
	% a.m.	% a.a.	% a.m.	% a.a.	% a.m.	% a.a.
Banco Honda S.A.	1,78	23,57	1,81	23,98	1,96	26,16
Banco Santander S.A.	1,78	23,53	1,93	25,71	1,95	26,13
Banco do Brasil S.A.	1,68	22,11	1,86	24,77	1,91	25,41
Banco Bradesco S.A.	1,88	25,1	1,93	25,76	1,89	25,22
Itaú Unibanco BM S.A.	1,86	24,71	1,89	25,15	1,87	24,89
Caixa Econômica Federal	1,61	21,14	1,75	23,19	1,83	24,23
Banco Volkswagen S.A	1,29	16,56	1,47	19,12	1,37	17,78
Banco Toyota do Brasil S.A.	1,11	14,1	1,54	20,06	1,09	13,88
Banco Mercedes-Benz S.A.	0,6	7,42	0,5	6,15	0,87	11,01

Fonte: Banco Central do Brasil

AUTOPEÇAS

Segundo os dados do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), o faturamento líquido nominal do segmento de autopeças, no acumulado de janeiro a agosto de 2015, frente ao mesmo período do ano anterior, registrou queda de 12,3%. O menor faturamento pode ser explicado pela retração das atividades das montadoras, que resultou na diminuição em 22,19% das vendas a elas direcionadas. O faturamento entre as vendas intrassetoriais recuou em 23,02%. Cabe mencionar, o incremento de 5,14% nas vendas para a reposição. A redução das vendas tem impacto direto no nível de emprego que, segundo os dados das empresas associadas ao Sindipeças, já diminuiu em 11,4%, no acumulado do ano, em relação a 2014.

No acumulado do ano, a balança comercial do segmento de autopeças apresentou redução de 6,31% nas exportações e de 21,96% nas importações. Em agosto de 2015, as exportações alcançaram o valor de US\$ 645 milhões (diminuição de 5,24% em relação ao mesmo período de 2014) e as importações chegaram ao valor US\$ 1,1 bilhão, reduzindo-se em 31,49% em relação a agosto do ano anterior. Os países que têm maior participação nas exportações de autopeças registraram queda, tais como: Argentina (-6,6%); Estados Unidos (-1,34%); México (-6,18%) e; Alemanha (-15,7%). Em contrapartida, houve melhora das exportações do segmento de autopeças para os Países Baixos em 31,32% em relação ao ano anterior.

A redução das importações por parte do Brasil afeta o comércio com os países que têm maior peso nas importações, como os Estados Unidos (-15,17%); China (-9,52%); Japão (-12,75%); Alemanha (-34,79%) e Coreia do Sul (-24,07%). Entre os 20 principais países que estão na pauta de importação do segmento de autopeças, apenas a Indonésia (+5,53%) e o Paraguai (+31,28%) aumentaram suas exportações para o país, em relação ao mesmo período de 2014, no entanto, a participação destes dois países nas importações ainda é muito pequena. Cabe

destacar, que a redução das exportações e das importações não se restringe apenas ao setor metalúrgico. De modo geral, tanto as exportações, quanto as importações registraram queda nos diversos setores da economia, no acumulado do ano. Os principais blocos com os quais o Brasil mantém relações comerciais também apresentaram queda, conforme os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), a receita líquida total do segmento de máquinas e equipamentos mostrou queda de 7,4%, entre janeiro e agosto, quando comparado com o mesmo período do ano anterior. As exportações registraram redução de 20,4% e as importações queda de 18,7%, no acumulado do ano².

TABELA 5
Receita e balanço comercial de Máquinas e Equipamentos
Agosto/2015

Indicadores	ago/15	Acumulado/15	Mês / Mês anterior	Mês / Mês ano anterior	Ano anterior
Receita líquida	6.906,53	58.173,05	-3,3	-10,7	-7,4
Exportação	558,30	5.166,59	-15,6	-31,9	-20,4
Importação	1.589,74	13.589,67	-4,3	-18,9	-18,7
Balança comercial	-1.031,44	-8.423,08	3,2	-9,6	-17,6

Fonte: Abimaq. Indicadores conjunturais

A produção e as vendas de máquinas agrícolas registraram resultados negativos quando comparados com o mesmo trimestre do ano anterior, acumulando, neste ano, queda de produção e de vendas. Entre junho e agosto de 2015, foram produzidas 13.746 máquinas agrícolas no mercado brasileiro, correspondendo a uma redução de 39,0% em relação ao mesmo período do ano anterior, e recuo de 29,0% no comparativo com o acumulado do ano. Todos os modelos de unidades produzidas sofreram retração no período, com destaque negativo para os tratores de esteira, com queda de 55,0% no comparativo trimestral e de 490% no acumulado do ano.

² Ainda segundo os dados da Abimaq o emprego recuou 7,0% no ano e 6,4%, nos últimos doze meses, findos em agosto e, com esta queda, o volume de postos de trabalho apresentado em agosto foi de 330.432.

TABELA 6
Produção de máquinas agrícolas
Brasil 2014 e 2015

Unidades	Jun/Ago 2015 (A)	Jun/Ago 2014 (C)	Jan/Ago 2015 (B)	Jan/Ago 2014 (D)	A/C	B/D
Tratores de rodas	11.448	18.367	32.275	45.149	-38%	-29%
Tratores de esteiras	323	722	1.021	1.995	-55%	-49%
Cultivadores motorizados	307	388	765	1.052	-21%	-27%
Colheitadeiras de grãos	841	1.775	2.700	4.848	-53%	-44%
Colheitadeiras de cana	-	-	-	-	-	-
Retroescavadeiras	827	1.443	3.831	4.204	-43%	-9%
Total	13.746	22.695	40.592	57.248	-39%	-29%

Fonte: Anfavea. Elaboração: DIEESE

As vendas internas de máquinas agrícolas no trimestre de junho a agosto de 2015 corresponderam a 12.654 unidades. Esse resultado representou uma diminuição de 32% em relação ao mesmo período de 2014, e de 28% quando comparado com o acumulado do ano. Da mesma forma que a produção, a queda nas vendas foi maior para os tratores de esteiras, que tiveram redução de 44% no comparativo trimestral e mostraram queda de 47% no acumulado do ano. A retração nas vendas afetou todos os estabelecimentos associados à Anfavea, com destaque negativo trimestral para a empresa John Deere, em relação aos tratores de roda, e pela Valtra, na produção de colheitadeiras, que registraram quedas de 47% e 68%, respectivamente. No acumulado do ano, os maiores recuos foram apresentados pela empresa Case CNH, nas vendas de tratores de roda, e pela empresa Valtra, em relação às colheitadeiras, com retração de 32% e 47%, respectivamente.

TABELA 7
Vendas internas por empresa
2014 e 2015

Unidades	Jun/Ago 2015 (A)	Jun/Ago 2014 (B)	Jan/Ago 2015 (C)	Jan/Ago 2014 (D)	A/B	C/D
Tratores de rodas	10.584	15.712	27.649	37.636	-33%	-27%
Agrale	406	550	984	1.409	-26%	-30%
Case CNH	787	1.145	1.643	2.411	-31%	-32%
John Deere	1.903	3.604	5.859	8.056	-47%	-27%
Massey Ferguson (AGCO)	2.650	4.030	7.024	9.452	-34%	-26%
New Holland CNH	2.044	2.738	4.975	6.839	-25%	-27%
Valtra	2.289	3.089	5.997	8.034	-26%	-25%
Outras empresas	505	556	1.167	1.435	-9%	-19%
Colheitadeiras de grãos	964	1.226	2.616	3.786	-21%	-31%
Case CNH	124	199	352	504	-38%	-30%
John Deere	487	548	1.151	1.710	-11%	-33%
Massey Ferguson (AGCO)	81	130	273	413	-38%	-34%
New Holland CNH	259	309	760	1.007	-16%	-25%
Valtra	13	40	80	152	-68%	-47%
Cultivadores motorizados	353	452	674	1.037	-22%	-35%
Tratores de esteiras	150	266	308	579	-44%	-47%
Retroescavadeiras	603	1.064	1.684	2.801	-43%	-40%
Total	12.654	18.720	32.931	45.839	-32%	-28%

Fonte: Anfavea. Elaboração: DIEESE

EMPREGO

Entre janeiro e setembro de 2015, o mercado de trabalho encolheu com o fechamento de 730 mil postos de trabalho, o que significou uma alteração da trajetória em relação ao ano anterior, quando houve saldo positivo em 730 mil contratações, quando analisado o mesmo período de 2014. No acumulado de 12 meses mais de 1,3 milhão de postos de trabalho já foram fechados, neste ano, boa parte explicado pela redução de 533 mil vagas na indústria.

TABELA 8
Comportamento do emprego formal, por setor,
no período de janeiro a setembro/2015, segundo o Caged

IBGE Grandes Setores	Acumulado no ano		Acumulado 12 meses	
	2014	2015	2014	2015
Indústria	47.365	-300.483	-	-532.972
Construção Civil	69.179	-206.017	-43.495	-420.482
Comércio	1.618	-256.040	153.898	-132.820
Serviços	517.004	-58.972	466.179	-196.810
Agropecuária	94.958	91.929	-33.037	-23.909
Total	730.124	-729.583	423.059	-1.306.993

Fonte: MTE/Caged. Elaboração: DIEESE

A trajetória negativa nas atividades que envolvem o setor metalúrgico vem significando a redução do emprego desta indústria. Segundo os dados do Caged, no período de junho a agosto de 2015, o setor metalúrgico apresentou saldo negativo (contratações menos demissões) de 105.054 postos de trabalho, acumulando redução de 164.876 de janeiro a agosto e de 227.156 nos últimos 12 meses.

TABELA 9
Saldo da movimentação mensal de empregos formais na indústria metalúrgica por setores -
Brasil - 2015

Setores	Jun	Jul	Ago	Set	Saldo acumulado parcial (Caged)	No ano
Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	-7.127	-5.922	-5.663	-4.239	-22.951	-44.577
Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	-6.703	-5.098	-6.017	-4.142	-21.960	-34.978
Máquinas e Equipamentos	-5.763	-4.995	-5.427	-3.216	-19.401	-33.300
Equipamentos de Informática, Produtos Eletrônicos e Ópticos	-3.431	-3.700	-2.854	-2.187	-12.172	-19.860
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	-4.272	-4.679	-2.760	-1.913	-13.624	-19.642
Metalurgia	-2.727	-2.173	-2.671	-1.619	-9.190	-15.334
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	-1.461	-899	-1.270	66	-3.564	-10.046
Outros Equipamentos de Transporte, Exceto Veículos Automotores	-1.908	-275	-109	100	-2.192	-4.289
Total	-33.392	-27.741	-26.771	-17.150	-105.054	-182.026

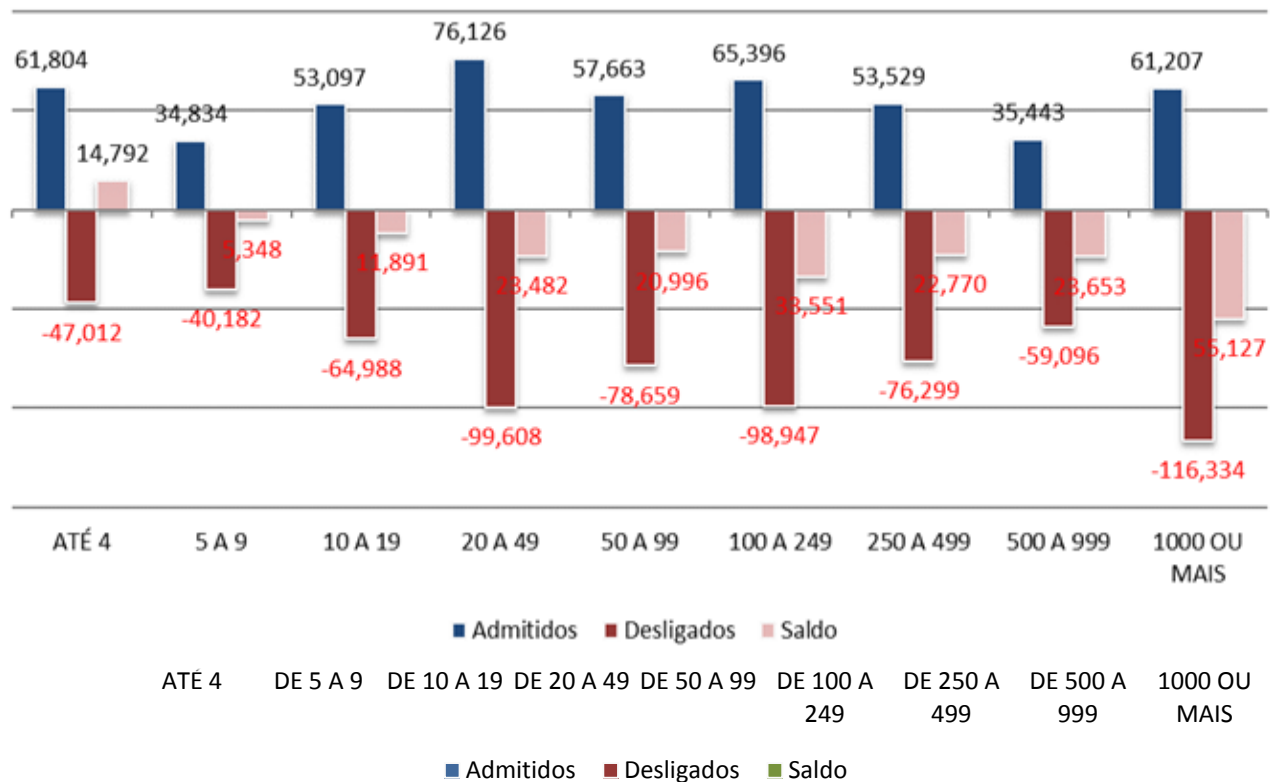
Fonte: MTE/Caged, Elaboração: DIEESE.

Em relação aos dados por segmentos, os principais destaques negativos no trimestre de junho a agosto foram apresentados pelos: Veículos automotores, reboques e carrocerias (-22.951); produtos de metal, exceto Máquinas e equipamentos (-21.960) e Máquinas e equipamentos (-19.401). No ano, os segmentos como produtos de metal, exceto Máquinas e equipamentos (-44.577) e a Metalurgia (-34.978) registraram as maiores quedas. Quando são analisados os últimos 12 meses, os segmentos de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-57.508); produtos de metal, exceto Máquinas e equipamentos (-47.954) e Máquinas e equipamentos (-45.321) mostraram as maiores perdas de postos de trabalho.

Quanto aos dados por estados, as maiores reduções nos postos de trabalho da indústria metalúrgica, no acumulado do ano, ocorreram em São Paulo (-84.570); seguido de Minas Gerais (-23.198); Rio Grande do Sul (-18.229); regiões que concentraram 69,2% dos desligamentos. Outras regiões que apresentaram um grande número de desligamentos no período foram Rio de Janeiro (-14.651), Amazonas (-12.997), e Santa Catarina (-10.509). Estes seis estados registraram 90,4% dos desligamentos de trabalhadores no setor metalúrgico, ou seja, a região Sudeste e o Sul e o Amazonas destacam-se com a redução dos postos de trabalho. Por outro lado, os estados que registraram aumento do saldo de postos de trabalho foram: Sergipe (+939); Espírito Santo (+592); Pernambuco (+43); Tocantins (+35) e Roraima (+4). Cabe destacar, o comportamento do emprego na região de Sergipe – favorecido por estar localizado entre a Bahia e Pernambuco - que vive um momento favorável, principalmente, no município de Nossa Senhora do Socorro com o incremento de empregos no segmento metalúrgico.

No acumulado do ano, a redução dos postos de trabalho ocorreu tanto nas pequenas como nas grandes empresas, entre janeiro e setembro. As empresas com 1.000 ou mais trabalhadores apresentaram saldo negativo de 55.127 (30,3% do saldo total), seguido das empresas de 100 a 249 trabalhadores que mostraram queda de 33.551 postos de trabalho (18,4% do saldo total) e, as empresas com 20 a 49 trabalhadores registraram redução de 23.482 postos, ou seja, 12,9%.

GRÁFICO 2
Movimentação de admitidos e desligados, por tamanho de estabelecimento, segundo o setor metalúrgico. Janeiro-Setembro 2015



Fonte: MTE. Caged setembro 2015

As faixas etárias que concentram as maiores quantidades de trabalhadores desligados situam-se entre 30 a 39 anos e 18 a 24 anos, que representam 30,2% e 24,9%, respectivamente, dos desligados no acumulado do ano. Os trabalhadores entre 25 a 29 anos, também diminuiram, e representam 20,6% dos desligados.

Seguindo a tendência dos últimos meses, os trabalhadores desligados estão concentrados no grau de instrução entre fundamental completo e médio completo. No acumulado do ano, 58% dos trabalhadores desligados possuem ensino médio completo. Segue abaixo algumas características do perfil geral dos trabalhadores demitidos no acumulado de janeiro a agosto de 2015:

- ✓ 81,3% dos desligados são do sexo masculino, e 18,7% são do sexo feminino.
- ✓ O desligamento por demissão sem justa causa representa 70,3% dos desligamentos; 15,0% representam os desligamentos a pedido; e 11,3% são desligamentos por término de contrato.
- ✓ 79,8% dos desligados estão concentrados na faixa salarial de até 3 SM.

ANEXO

TABELA 10
Saldo de movimentação de empregos formais – setor metalúrgico
Junho a setembro de 2015

Estados	Jun	Jul	Ago	Set	Saldo acumulado parcial (Caged)	No ano
Total	-33.392	-27.741	-26.771	-17.150	-105.054	-182.026
São Paulo	-16.078	-10.640	-12.663	-8.066	-47.447	-84.570
Minas Gerais	-4.126	-3.232	-2.397	-2.031	-11.786	-23.198
Rio Grande do Sul	-3.117	-3.094	-3.175	-1.800	-11.186	-18.229
Rio de Janeiro	-2.590	-1.458	-962	-852	-5.862	-14.651
Amazonas	-2.297	-2.488	-1.068	-518	-6.371	-12.997
Santa Catarina	-2.166	-3.019	-2.482	-1.251	-8.918	-10.509
Paraná	-1.424	-1.768	-1.805	-1.896	-6.893	-9.825
Bahia	-317	-376	-362	-186	-1.241	-2.591
Goiás	-370	-549	-186	-75	-1.180	-1.733
Mato Grosso do Sul	-188	-241	-157	-221	-807	-1128
Maranhão	-165	-84	-32	12	-269	-727
Ceará	78	-97	-29	74	26	-638
Mato Grosso	-266	-119	-155	-10	-550	-719
Pará	-224	41	24	-163	-322	-765
Piauí	1	-37	-27	-113	-176	-362
Rio Grande do Norte	-102	-22	-117	2	-239	-212
Distrito Federal	17	6	-29	-22	-28	-217
Paraíba	-3	-15	-162	-83	-263	-217
Rondônia	-31	-26	-35	25	-67	-83
Amapá	-21	2	-2	-6	-27	-107
Espírito Santo	-204	-54	-263	683	162	592
Alagoas	96	1	-94	-112	-109	-155
Roraima	2	-2	-3	3	0	4
Acre	1	-4	5	-9	-7	-6
Tocantins	-5	-10	33	-22	-4	35
Pernambuco	-78	-303	-524	-285	-1190	43
Sergipe	185	-153	-104	-228	-300	939

Fonte: MTE .Caged.

Elaboração: DIEESE



Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Direção Executiva

Zenaide Honório – Presidente – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP
Luis Carlos de Oliveira – Vice-presidente - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região – SP
Antônio de Sousa – Secretário Executivo – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região – SP
Alceu Luiz dos Santos – Diretor Executivo - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba – PR
Bernardino Jesus de Brito – Diretor Executivo - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP
Cibele Granito Santana – Diretora Executiva - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas – SP
Josinaldo José de Barros – Diretor Executivo - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel – SP
Mara Luzia Feltes – Diretora Executiva - Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul – RS
Maria das Graças de Oliveira – Diretora Executiva - Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco – PE
Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa – Diretor Executivo - Sindicato dos Eletricistas da Bahia – BA
Raquel Kacelnikas – Diretora Executiva - Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região – SP
Roberto Alves da Silva – Diretor Executivo - Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo – SP
Angelo Maximo de Oliveira Pinho – Diretor Executivo - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC – SP

Direção Técnica

Clemente Ganz Lúcio – Diretor Técnico
Patrícia Pelatieri – Coordenadora Executiva
Rosana de Freitas – Coordenadora Administrativa e Financeira
Nelson de Chueri Karam – Coordenador de Educação
José Silvestre Prado de Oliveira – Coordenador de Relações Sindicais
Airton Santos – Coordenador de Atendimento Técnico Sindical
Angela Schwengber – Coordenadora de Estudos e Desenvolvimento

Equipe Técnica Responsável

André Cardoso
Caroline Gonçalves
Cristina Viecei
Marcelo Figueiredo
Renata Belzunces
Ricardo Tamashiro
Ana Beatriz de Sousa Carvalho (auxiliar técnica)